

Uma análise do processo de superação de exclusão em Lucas 11,37-44

An analysis of the process of overcoming exclusion in Luke 11,37-44

Luiz Alexandre Solano Rossi (PUCPR/UNINTER)¹

Ma. Mariana Eugênio Schietti (FTSA)²

RESUMO

Numa cena ao redor de uma mesa se instala uma controvérsia entre fariseus e Jesus que envolve um movimento de inclusão ou de exclusão das pessoas. Ambos os discursos são legitimadores da inclusão ou da exclusão e são baseados em argumentos religiosos. O ato de Jesus de não lavar as mãos, como descreve o texto de Lucas 11,37-44, causou não apenas um choque nos fariseus, mas também uma forte sensação de impureza neles. Dividir a mesa com um impuro, a partir de suas concepções teológicas, significava tornar-se impuro e, portanto, excluído. O ato aparentemente afrontoso de Jesus na mesa dos fariseus, se torna uma cena de denúncia e de ensinamento que merece atenção.

PALAVRAS-CHAVE

Pureza; Impureza; Exclusão; Fraternidade.

ABSTRACT

In a scene around a table there is a controversy between the Pharisees and Jesus that involves a movement of inclusion or exclusion of

¹ Doutor em Ciências da Religião (UMESP), pós-doutor em História Antiga (UNICAMP) e em Teologia (Fuller Theological Seminary). Professor no mestrado e doutorado em Teologia da PUCPR e na UNINTER.

² Mestra em Teologia pela PUCPR e doutoranda em Teologia pela mesma universidade. Professora na Faculdade de Teologia Sul-Americana (Londrina).

people. Both discourses are legitimizing inclusion or exclusion and are based on religious arguments. Jesus' act of not washing his hands as the text of Luke 11,37-44 describes, caused not only a shock to the Pharisees, but also a strong sense of impurity in them. To share the table with an impure one, from his theological conceptions, meant to become impure and therefore excluded. Jesus' seemingly affronted act at the Pharisees' table becomes a scene of denunciation and teaching that deserves attention.

KEYWORDS

Cleanness; Uncleaness; Exclusion; Fraternity.

Introdução

Lucas 11.37-44 apresenta um diálogo entre Jesus e os fariseus em que o cumprimento da Lei é colocado em discussão. Neste texto Jesus é convidado por um fariseu a comer em sua casa. O convite é aceito e Jesus entra na casa do fariseu e assume um lugar à mesa. O fariseu admira-se ao ver que Jesus não cumpre a Lei de se lavar antes da refeição. O texto não menciona se o fariseu falou ou não alguma coisa para Jesus, mas relata Jesus exortando-o ao perceber essa admiração, não só ele, mas todo o grupo. Na sequência, Jesus profere três oráculos contra os fariseus.

Como pode ser observado a partir do relato de Lucas, Jesus não era conivente com as práticas farisaicas e com a interpretação que davam à Lei, por isso enfrenta-os colocando como contraponto de suas ações religiosas o amor e a justiça de Deus. Nolland³ declara que “o conflito com os fariseus, nesta passagem, alcança seu ápice”, evidenciando uma denúncia severa contra os fariseus e escribas por sua hostilidade. Bovon⁴ destaca que a atitude de Jesus diante desses fariseus foi crucial para deixar claro que ele não concordava com a ideia de purificação farisaica, que movia praticamente todos os rituais. As palavras proferidas por Jesus

³ NOLLAND, John. *Word Biblical Commentary, 35A. Luke 9:21-18:34*. Nashville: Thomas Nelson, 1993, p. 661.

⁴ BOVON, François. *El Evangelio según Lucas II*. Salamanca: Sígueme, 2002, p. 279

demonstram um cenário religioso de completa distorção da vontade de Deus. Jesus pretende uma mudança de consciência tanto ética e moral, quanto de fé. Crer que a vontade de Deus está em oposição ao que os fariseus vivem e propagam traz um novo horizonte para a fé dos judeus oprimidos e para os pagãos rejeitados.

Lucas apresenta Jesus proferindo três ais. Os ais têm uma raiz profética e estão ligados aos oráculos de juízo. “Ai de vós” é um enunciado de castigo, como vindo da parte de Deus, e expresso pelo representante de Deus, o profeta. Segundo Bovon⁵, no nível tradicional das fontes, a série de maldições tem uma função dupla: servia aos pregadores em seu confronto direto com Israel e, de forma indireta, um ensino sobre a diferença entre a sinagoga e a igreja. Lucas parece ter afinidade com esse gênero, pois o insere em outras passagens como 6,24-26 unidas às bem-aventuranças. Conforme destaca Fitzmyer⁶, o uso dos oráculos é raro. O referido autor também declara que estes oráculos estão diretamente ligados às bem-aventuranças. Os oráculos são, portanto, “as ‘mal-aventuranças’”. Seus destinatários também são os opostos dos destinatários das bem-aventuranças, são, portanto, os ricos, os satisfeitos, os que não estão oprimidos e preocupados, os que já desfrutam de uma boa reputação. O texto lucano coloca diretamente os fariseus nesta classe dos “mal-aventurados”, como propõe Fitzmyer, pois se presumidamente pregavam a religião de um Deus libertador, produziam, na verdade, peso e aflição para o povo.

A proposta de Jesus é diametralmente contrária à proposta dos fariseus. Se a perspectiva religiosa de purificação/santificação dos fariseus é vinculada a sacrifícios, ritos religiosos e/ou alienação do diferente, a perspectiva religiosa de Jesus é vinculada aos gestos de solidariedade e amor. Nesse sentido, seria possível afirmar que as palavras de Jesus que conduzem à uma nova forma de viver em comunidade se configura como uma nova teologia em contraste com as palavras dos fariseus que reproduzem uma teologia que aprisiona o ser humano nos rituais.

⁵ BOVON, 2002, p. 278.

⁶ FITZMYER, Joseph A. *El Evangelio según Lucas*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987. vol. 4., 1987, p. 607

O convite do fariseu e a liberdade de Jesus – v. 37-38

A perícopa se inicia com uma interpelação, por parte do fariseu, do discurso que Jesus fazia publicamente. Neste discurso, Jesus chamava a atenção de todos para a interioridade, trazendo como analogia a luz que ilumina todo o corpo. E que traz uma advertência, ou seja, aquilo que vemos com bondade nos ilumina por inteiro, porém se nossos olhos estão carregados de maldade todo nosso corpo será trevas (Lc 11.36). Indiretamente, Jesus já estava atacando a visão farisaica de vida, ao olhar para tudo, exceto eles, como sujo, indigno, reprovável. Nolland⁷ defende que os fariseus e os mestres da Lei estão insensíveis à luz que vem de Jesus. Como seu compromisso moral e religioso tem sido cumprido, assim como receberam de seus ancestrais, eles não querem escutar e aceitar o desafio proposto por Jesus, de viver uma vida de acordo com a mensagem de Deus. Vamos ao texto lucano:

37 – Enquanto Jesus falava, um fariseu o convidou para fazer refeição em sua casa. Jesus entrou e sentou-se à mesa. 38 – Vendo isso, o fariseu ficou admirado de Jesus não se ter primeiro lavado antes de comer.

Para Morris⁸, a inferência do fariseu quando Jesus “acabara de falar” deixa transparecer que ele era, possivelmente, um hospedeiro interessado no ensino de Jesus. Bovon⁹ salienta que o fariseu tinha boas intenções em acolher Jesus em sua casa, pois seu convite demonstra sua cortesia. Já Rius-camps¹⁰ afirma que o convite era uma tentativa de desclassificar Jesus, pois já se sentiam intimidados pelo ensinamento anterior. Uma vez que os fariseus eram os representantes da Lei e da ortodoxia, não havia por que suportarem Jesus em suas casas sabendo que ele não observava os preceitos religiosos, portanto o convite é mais uma tentativa

⁷ NOLLAND, 1993, p. 663.

⁸ MORRIS, Leon L. *O Evangelho de Lucas: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 191.

⁹ BOVON, 2002, p. 279.

¹⁰ RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 216.

em desclassificar Jesus e acusá-lo de infringir a Lei. É fácil perceber que “a inquisição está à espreita” declara Rius-Camps¹¹. Na verdade, o que queriam eram provas irrefutáveis de como Jesus vivia de maneira livre “à margem da Lei”.

As discussões entre Jesus e os fariseus estão presentes por todo o evangelho de Lucas. Essa não era a primeira vez que Jesus confrontava os ensinamentos deste grupo, deixando-os incomodados com sua fala, a ponto de buscarem sua condenação. Já no capítulo 5 do texto lucano, Jesus é considerado blasfemador e é questionado ao realizar uma cura por meio do perdão dos pecados. Incomodados, os fariseus demonstravam indignação por Jesus ser um homem que come e bebe com publicanos e pecadores (Lc 5.30).

Da mesma forma, o capítulo 6 relata o questionamento do grupo diante dos atos de Jesus aos sábados e, conforme versículo 7, já procuravam meios de o acusarem: “Os doutores da Lei e fariseus observavam Jesus, a fim de ver se ele o curaria no sábado, para assim terem motivo de acusá-lo”. O texto segue relatando que Jesus realizou a cura, o que deixou o grupo dos fariseus furiosos e especulando sobre o que iriam fazer com Jesus, por conta de suas desobediências à Lei.

No capítulo 7, Jesus novamente os surpreendeu, desta vez ao sentar-se à mesa e permitir que uma prostituta lavasse seus pés e os enxugasse com os cabelos. Mesmo após os atos relatados na perícopa do capítulo 11, no capítulo 14 Jesus é novamente retratado à mesa com os fariseus discutindo sobre seus ensinamentos, criticando-os por meio de parábolas e ensinamentos. Em quase todos os capítulos do Evangelho de Lucas os ensinamentos de Jesus são precedidos de algum questionamento dos fariseus, ou alguma murmuração e zombaria com a relação à vida que levava. Aparentemente, Lucas deseja demonstrar que em todo momento Jesus se opôs à teologia farisaica, entretanto o fez com a tentativa de alertá-los para o que é verdadeiramente importante para Deus: a vida.

Em muitas passagens a fúria e a indignação dos fariseus é mencionada. Sendo eles um grupo organizado e de força, é difícil acreditar que em cada capítulo Jesus estivesse diante de diferentes pessoas, as quais nunca tinham ouvido falar sobre a ousadia de seus ensinamentos.

¹¹ RIUS-CAMPS, 1995, p. 216.

Por isso, a ideia de que os fariseus estavam à espreita de Jesus, esperando a oportunidade certa para acusá-lo sob provas irrefutáveis, exigindo sua condenação por blasfêmia, parece ser a mais justa diante de todo o esforço de Lucas em relatar tais situações de indignação e revolta por parte do grupo.

Além disso, a situação que envolve a perícopa não é simples. Stöger¹² destaca o quanto era precioso para o fariseu o momento de sentar-se à mesa e compartilhar da refeição e dos ensinamentos. O cenário, portanto, era estratégico tanto para os fariseus, como para Jesus. A mensagem passada por Jesus anteriormente se torna agora um ensinamento à mesa. Jesus tem uma oportunidade de mostrar-lhes como lhes faltava sabedoria sobre a vontade de Deus e sobre a distinção do que é puro e impuro. Como mencionado anteriormente, era inadmissível a um fariseu dividir a mesa com alguém que não cumprisse minuciosamente os ritos da Lei, quanto mais receber algum ensinamento deste.

O ato de Jesus, portanto, foi além de todos os outros e possivelmente causou não apenas um choque nos fariseus presentes, mas também a sensação de impureza, afinal eles teriam de dividir a mesa com um impuro – em suas concepções – e isso automaticamente os tornava impuros também. Estar impuro à mesa para um fariseu era inadmissível, portanto, a situação era propícia, em diversos sentidos, para que Jesus conseguisse contestar a teologia farisaica.

Independente do interesse por detrás do convite, o fato é que Jesus omitiu um rito importantíssimo para o fariseu. “Jesus não se lavara”. O verbo βαπτίζω (*baptizó*) não estava ligado à higiene comum, mas “era uma regra feita visando à pureza cerimonial”¹³. O lavar as mãos ou o “derramar água sobre as mãos” era realizado para remover as impurezas advindas do contato com o mundo pecaminoso. Inclusive “a quantidade de água e a maneira da lavagem são estipuladas com detalhes na Mishna” tamanha era a preocupação dos fariseus com a contaminação mundana. Neste caso, o espanto demonstrado pelo fariseu surgiu pelo fato de Jesus rejeitar ou negligenciar a regra farisaica de purificação.

¹² STÖGER, Alois, *El Evangelio según San Lucas – v. I*, Herder, Barcelona, 1979, p. 336-338.

¹³ MORRIS, 1983, p. 190.

A impureza presumida, na visão farisaica, estava necessariamente relacionada ao envolvimento de Jesus com as multidões. Era inconcebível, portanto, que ele fizesse uma refeição sem ter se purificado¹⁴ e, mais grave ainda, que pudesse contaminar os demais com suas ações. Algumas questões se levantam: ao deixar de cumprir o rito, Jesus abriu um caminho para questionar o que era puro diante de Deus? Afinal, quem poderia ser considerado puro diante de Deus?

Como mencionado, os fariseus cumpriam na íntegra seus rituais de purificação, assim como não se misturavam com aqueles que consideravam impuros e, muito menos, dividiam a mesa com essas pessoas. Nisso se pode perceber o espanto de um fariseu diante de um judeu que se sentava à mesa para comer sem lavar as mãos logo após ter contato com tantos imundos.

O verbo grego θαυμάζω (*thaumazó*), utilizado para relatar a reação daquele anfitrião, pode significar: maravilhado, admirado, surpreso, espantado e é o mesmo termo utilizado no início do capítulo (v. 14) ao falar da multidão que ficou maravilhada ao ver Jesus expulsando demônios sem a observância da Lei. Bovon¹⁵, sugere que essa admiração deve ser compreendida como espanto e indignação e que, como cristãos, temos certa dificuldade de admitir que Jesus “excedeu um pouco”, ou seja, ele foi contra os princípios de cordialidade, faltou com elegância e atacou aqueles que o rodeavam. Mas esse comportamento, insuportável para aqueles que estavam sendo atacados, tinha a pretensão de sacudir suas consciências e tentar fazê-los admitir uma nova concepção sobre Deus, sobre a vida.

Jesus pretendia mostrar-lhe uma nova teologia. “Sem dizer nada, o anfitrião fariseu não consegue deixar de demonstrar sua surpresa e sua desaprovação”¹⁶. Mas isso, sem dúvida era a resposta de Jesus a uma exigência teológica de levar a cabo, também, uma inversão ética. Uma ética de interioridade e de autenticidade, rejeitando o ritualismo vão e favorecendo as virtudes do Reino de Deus. Malina e Rohrbough¹⁷ entendem

¹⁴ NOLLAND, 1993, p. 664.

¹⁵ BOVON, 2002, p. 272.

¹⁶ MALINA, Bruce J., Richard L. Rohrbough. *Evangelhos sinóticos: comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 308.

¹⁷ MALINA, Bruce J., Richard L. Rohrbough, 2017, p. 308.

que “condenar os condenadores é uma estratégia importante para repudiar rótulos” criados pelos fariseus para os outros.

Nolland¹⁸, ao comentar a perícopes, destaca que sentarem juntos para uma refeição possibilitou aos fariseus observarem mais de perto as ações de Jesus, abrindo uma grande oportunidade para uma discussão: “A discussão toma um aspecto de uma crítica violenta que, a seu modo, serve de ensinamento”¹⁹. O ponto seria o seguinte: apenas compartilhando uma refeição os fariseus poderiam tomar consciência dos hábitos e rituais de limpeza dos discípulos e de Jesus, uma vez que o questionamento sobre sua convivência com pecadores, as curas aos sábados, assim como a falta de prática de jejuns, eram constantes pelos fariseus²⁰.

Diante da ideia farisaica de que todo o Israel deveria ser santo como Deus é santo, Jesus trazia uma mensagem desconcertante sobre santidade: sua ação de não se lavar propõe que ele era puro interiormente e, por isso, suas mãos e todo seu exterior já estavam purificados. Se a mensagem de Jesus fosse aceita, o rito de purificação realizado antes da alimentação se tornaria inútil, visto que estando já purificado por seu interior e por sua vida ética, não haveria necessidade de se falar em contaminação com o que vem de fora. Essa era a subversão da ordem em Jesus. A contaminação quanto a purificação não se origina fora do ser humano.

A denúncia

Os versos 39 a 41, na visão de Fitzmyer²¹, são nitidamente uma introdução geral para toda a passagem, servindo como um preâmbulo do anúncio de Jesus sobre a atenção dada às formas de purificação externa. Nestes versículos, o ponto chave era demonstrar aos fariseus que Deus estava tão preocupado com o interior quanto com o exterior. Lucas apresenta um contraste generalizado sobre o interior e exterior, sobre o material e o não material. Mas não coloca como uma dualidade entre

¹⁸ NOLLAND, 1998, p; 663.

¹⁹ BOVON, 2002, p. 278.

²⁰ NOLLAND, 1993, p. 663.

²¹ FITZMYER, 1987, p. 393.

o exterior e o interior, e sim, o exterior como reflexo do interior, denunciando às ações dos fariseus. O coração e suas intenções é colocado em destaque no texto de Lucas. Não há nada que possa purificar o homem se não vier de dentro dele. Vamos ao texto lucano:

v. 39 – Então o Senhor lhe disse: “Agora, fariseu, vocês limpam o copo e o prato por fora, mas por dentro vocês estão cheios de roubo e maldade. v. 40 – Insensatos! Quem fez o que está fora não fez também o que está dentro? v. 41 – Antes, deem como esmola o que vocês têm, e tudo ficará puro para vocês.

A mensagem sobre a limpeza externa dizia que ela era insuficiente para purificar, justamente por ser superficial. A analogia com o prato e o copo foi para mostrar que eles precisavam estar completamente limpos. De que adiantava um copo limpo por fora, mas sujo em seu interior? O utensílio aqui ganha um valor simbólico, referindo-se ao interior dos seres humanos. Jesus advertiu, por meio desse simbolismo, que o mesmo artesão que fez a parte externa do utensílio foi também aquele que fez a interna. O artesão a quem Jesus se referiu trata-se do próprio Deus, que não fez apenas a aparência do ser humano, mas também seu interior, seus pensamentos, sentimentos. Esse Deus, segundo Lucas afirmou anteriormente, é aquele que sonda os corações (Lc 16.15) e, por conhecer os corações, vê a perversão e a maldade que existe em seu interior.

Por outro lado, ele vê também a bondade e o amor aos outros. A purificação começa no interior, ao alcançá-la e torná-la externa, poderá mostrar-se verdadeiramente puro. Como afirma Fitzmyer²², a mensagem de Jesus mostra que “ganância, roubos, perversão desaparecem do coração humano e se alcança uma limpeza não somente ritual, mas autêntica diante de Deus” quando se aplica a justiça e luta por ela, quando a preocupação está na dignidade humana e não na Lei.

Neste ponto, diferente da maneira registrada em Mateus 23.26, em Lucas “dar esmola” reflete uma tradução melhor para “faça justiça” ou “haja com misericórdia”. Neste sentido, é importante destacar que o substantivo grego usado é ἐλεημοσύνη que significa ato caridoso, mostrar

²² FITZMYER, 1987, p. 397.

piedade e misericórdia, respectivamente. Assim, a esmola, neste texto de Lucas, é o contraste da ganância. Dar esmolas era uma expressão clássica nos ensinamentos de Jesus sobre a piedade e claramente isso era importante para Lucas que, na visão de Nolland²³, faz uma reivindicação exagerada por isso. A questão é que a esmola, além de conter seu sentido literal, demonstra, também, o entendimento sobre uma dependência apenas em Deus. O relacionamento com Deus encontra sua expressão na esmola. Em Mateus a primazia está no interior, em Lucas tudo é o interior. Por isso, a purificação não se encontrava no ato em si, mas no ato praticado como resultado da piedade e da misericórdia.

Essa reação inicial de Jesus demonstrava sua ira em perceber uma perversão na ordem do puro e do impuro por parte dos fariseus, por isso Jesus chama-os de insensatos. Para Malina e Rohrbough²⁴, a expressão “descreve alguém que alega uma honra que não é reconhecida ou confirmada pela comunidade”, neste caso, essa honra não é reconhecida por ele, ou seja, pelo próprio Deus. Insensatos, portanto, são “pessoas desavergonhadas” que não merecem confiança e atenção.

A pergunta retórica ressalta que santificar-se diante de Deus exige, também, atenção ao interior (cfe. v.41). A proposta de Jesus afirma que o interior purificado, purifica também o exterior²⁵. A ação de Jesus parece querer confrontar ou questionar o interior dos líderes religiosos, provocando neles a reflexão sobre a Lei escrita e a Lei vivida. Conforme Sabourin²⁶, “o v. 41 parece dizer que ser generoso ao invés de ganancioso é a melhor maneira de garantir uma verdadeira pureza do interior, a única coisa que realmente importa”, o que invalidaria muitos dos ritos farisaicos que, ao invés de refletir benevolência, demonstravam descaso, desprezo e um zelo egocêntrico.

O problema apresentado por Jesus não estava na prática da Lei em si, mas na prática desacompanhada de um coração limpo e justo, que faz o bem, que doa a si mesmo em prol do necessitado. Morris apresenta diversos estudos sobre o sentido exato do versículo 41. A esmola a ser dada

²³ NOLLAND, 1993, p. 664-668.

²⁴ MALINA E ROHRBOUGH, 2017, p. 308.

²⁵ BOVON, 2002, p. 283.

²⁶ SABOURIN, Léopold. *L'évangile de Luc*. Roma: Editrice Pontificia Universita Gregoriana, 1987, p. 242.

pode representar o interior de seus corações, seus bens materiais e aquilo colocado em seus pratos como refeição para assim alcançarem pureza. Ou pode ser uma ironia de Jesus, quanto ao pensamento farisaico de que simplesmente dar esmolas, sem uma conversão do coração naquele ato, seja suficiente. Para Morris, apesar das possibilidades existirem, em qualquer delas é notório que Jesus está enfatizando a importância de um estado interior correto. “Jesus passa a tratar doutras práticas farisaicas em que a ênfase sobre o exterior leva ao erro”²⁷.

Bock²⁸, por sua vez, fala sobre a piedade e a esmola dos judeus como algo que não era reflexo de seus interiores, mas como uma simples ação obrigatória de dar dinheiro ao pobre. O que Jesus queria era conscientizá-los de que no interior deles não havia misericórdia e amor e, por isso, eles continuavam impuros e maus, condenados pela injustiça. Para o autor, a ideia não é que eles simplesmente aumentassem seus donativos, mas que aprendessem a ser gentis e caridosos em seus corações. Ou seja, a prática deles não refletia o que presumidamente se encontrava no interior assim como o amor a Deus.

Na mensagem de Jesus, assim como a mensagem de muitos profetas do Antigo Testamento, a exemplo de Jeremias e Amós, receber a salvação de Deus, ou seja, alcançar misericórdia de Deus, torna o ser humano sensível ao cuidado do outro e o leva a praticar a misericórdia recebida de Deus com a outra pessoa. Esse é o significado de estar limpo segundo o discurso de Jesus, ou seja, cuidar dos necessitados, do pobre, da viúva, do doente, é caminho de salvação. O desafio lançado por Jesus aos fariseus estava na contramão da teologia por eles vivida, na qual o rito religioso e o distanciamento dos necessitados e feridos era o que purificava.

Importante salientar que Jesus não estava atacando a Lei enquanto Lei, nem as práticas religiosas dos fariseus como práticas cotidianas. Estava, sim, atacando a concepção equivocada de que elas eram suficientes para purificação. Os fariseus estavam livres para continuarem seus ritos, como Jesus afirmou, porém, para serem considerados puros, precisariam zelar pelo que de fato importava, ou seja, a vida digna preparada pelo

²⁷ MORRIS, 1983, p. 192.

²⁸ BOCK, Darrell L. Luke. *Baker Exegetical Commentary on the New Testament*. Michigan: Baker Academic, 1994-1996, p. 1113.

criador a todos. Pode-se dizer que o rito se torna canal de impureza quando assume a função de purificação que gera exclusão, marginalização e sofrimento. A seguir examinaremos os três oráculos do “ai de vós”.

Primeiro AI

Este é o primeiro de uma série de três ditos de maldição proferidos contra os fariseus. O texto de Mateus 23.23-32 é um paralelo muito próximo de Lucas, contendo as mesmas denúncias, mas Lucas usa uma perspectiva diferente, elencando a justiça e o amor de Deus, sendo mais original em seu texto, conforme menciona Sabourin²⁹. O primeiro oráculo proferido por Jesus acentua o contraste existente entre a preocupação exagerada com o cumprimento minucioso da Lei, extrapolando inclusive o que é exigido, e o fato de se esquecer daquilo que é verdadeiramente fundamental. Os fariseus pagam dízimos das coisas mais insignificantes e deixam de lado o amor e a justiça de Deus. Vamos ao texto lucano:

v. 42 – Mas ai de vocês, fariseus, que pagam o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortalças, mas deixam de lado a justiça e o amor de Deus. Vocês deveriam praticar estas coisas, mas sem deixar de lado as outras.

Não se condena a prática dos dízimos, mas sim de ela vir desacompanhada daquilo que realmente importa. Fitzmyer³⁰ supõe que Lucas esteja fazendo uso das palavras de Miqueias 6.8: “ó homem, já foi explicado o que é bom e o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com o seu Deus”. Lucas invoca ensinamentos que já foram transmitidos ao povo de Israel, mas que são preteridos pelos fariseus. Neste ponto, merece atenção a palavra justiça. No grego, κρίσις (*krisis*) significa em geral “juízo”. Estendendo-se, como no caso deste texto, ao sentido de direito. Os direitos dos seres humanos estavam sendo desprezados em troca de uma preocupação com

²⁹ SABOURIN, 1987 p. 242.

³⁰ FITZMYER, 1987, p. 398.

a posição social privilegiada e reconhecida. Já amor, *agape*, deve acompanhar a observância dos direitos, pois se trata mais de benevolência, misericórdia e um bom coração³¹.

Este prognóstico põe em pauta a prática do dízimo da hortelã, da arruda e das hortaliças, que eram exigidas pelos fariseus com base na ordenança de dízimos contida em passagens como Levítico 27.30-33 e Deuteronômio 14.22-29. O questionamento de Jesus foi proposital, pois a Lei não pede a décima parte de tais ervas, mas sim dos três grandes produtos da terra: grão, vinho e azeite, assim, uma análise clara da Lei de Moisés seria suficiente para comprovar que houve extensões e acréscimos por parte dos interpretes, no caso os fariseus. O dízimo praticado pelos judeus, conseqüentemente, é uma elaboração e uma adaptação do material contido no Antigo Testamento, extrapolando-o³².

O primeiro *ai* é visto como uma continuação do ponto colocado nos versos 39-41. Dar o dízimo é como limpar o exterior do copo. Justiça e amor de Deus são como dar esmolas. Lucas faz uma expansão daquilo que Mateus apresenta, ele se projeta para ser absolutamente mais abrangente que Mateus, incluindo a arruda e as demais ervas, sendo bem exaustivo em sua lista. Segundo Nolland³³ o evangelista não estava expressando um ponto de vista diferente, estava apenas sendo mais forçado e exagerado pela poética do que Mateus foi. Lucas colocou o amor de Deus como sua fonte. Amor e justiça eram o seu senso sobre Cristo. Em seu texto, pretendeu chamar a atenção para o lugar da Lei na vida dos que desejavam seguir a Cristo, mas estavam sob o julgo do judaísmo.

O texto é um alerta para a despreocupação dos fariseus em relação ao amor e à justiça exigidos por Deus. Neste sentido não se trata de ética ou moral por si só, mas puramente de fé. É somente numa autêntica relação com Deus que se encontra uma conduta existencial de ética verdadeira. O Jesus de Lucas queria demonstrar os falsos saberes e os falsos valores. A justiça e o amor de Deus que são demonstradas na benevolência, “não podem ser substituídas por uma prática de dízimo de

³¹ FITZMYER, 1987, p. 406.

³² HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. v. 2., p. 149.

³³ NOLLAND, 1193, p. 665.

itens mais básicos de sobrevivência”³⁴. Em Lucas, a atitude para com o dinheiro era uma prova diante de Deus. Compartilhar e ser generoso eram as expressões de fé e ética que Deus esperava. Para dar-se a si mesmo não é necessário esperar receber de Deus. Por isso, dar tudo que tem é uma demonstração de conversão de mente, de real entendimento sobre o amor de Deus para com todos, nisso consiste a purificação do coração.

Segundo AI

O segundo oráculo, repousa sobre a ganância, a ostentação, a auto-complacência e a vaidade dos fariseus. Vamos ao texto lucano:

v. 43 – Ai de vocês, fariseus, que gostam do primeiro lugar nas sinagogas e das saudações nas praças públicas.

Para Fitzmyer³⁵, o contexto dessa crítica, vinda logo após a comparação com a limpeza externa, parece querer afirmar que os fariseus não estavam preocupados em cumprir acuradamente os preceitos da Lei. Estavam, sim, preocupados em serem reconhecidos publicamente, alimentando a própria soberba. O autor argumenta que nas antigas sinagogas os primeiros lugares eram reservados para pessoas importantes. Posteriormente, com as normas rabínicas, estabeleceu-se que aqueles oficialmente intitulados peritos na Torá, deveriam ser saudados primeiro que os demais³⁶. Morris³⁷ diz, mais especificamente, se tratar de lugares em que eles se assentavam de frente para congregação, olhando para todos e sendo visto por todos. Sentados ali eram “considerados homens de distinção”. Da mesma forma, as saudações nas praças marcavam os homens aos quais deveria se mostrar submissão.

Nolland³⁸ ressalta que os mercados e as sinagogas eram lugares de interação social no cenário de Jesus. Amar estar em primeira posição

³⁴ BOVON, 2002, p. 284 – 285.

³⁵ FITZMYER, 1987, p. 398.

³⁶ FITZMYER, 1987, p. 407.

³⁷ MORRIS, 1983, p. 193.

³⁸ NOLLAND, 1993.

nestes lugares era denunciar o quão ambiciosos eram. Os fariseus gostavam de ostentação. Havia uma distorção na forma de amar dos fariseus, esse amor não atingia outras pessoas, pelo contrário, as coloca em condição de objeto. Segundo Bovon³⁹, a palavra grega utilizada para amor, poderia ser traduzida não apenas como amar, mas como “buscar”. Os fariseus buscavam esse status, desejavam aparecer, seus corações estavam voltados para isso e não para Deus. As demais pessoas serviam, portanto, como instrumentos para viabilizar seus planos egoístas de autoafirmação. A prática farisaica, assim, estava em desencontro ao mandamento de amar ao outro como a você mesmo. Morris⁴⁰, completando essa ideia, afirma que isso atrapalhava os homens comuns, ao invés de ampará-los.

Terceiro AI

Após recriminar a teologia dos fariseus, que ignorava o interior, preocupando-se apenas com o exterior e acusá-los de não serem assim por uma preocupação com a Lei, mas pela busca incessante da vaidade e do desejo de reconhecimento. Vamos ao texto lucano:

v. 44 – Ai de vocês, porque são como sepulcros que não se veem, e que as pessoas pisam sem saber.

Jesus “joga na cara dos fariseus sua cegueira pessoal, a qual os impede de se darem conta de quem são verdadeiramente: pura aparência”, como afirma Fitzmyer⁴¹, comparando-os a uma vitrine. É como ver um produto só pela embalagem, mas não enxergar a podridão que está por dentro. Jesus delata a maldade contida nas ações dos fariseus, secos por dentro, carregados de morte, e aqueles que não percebem podem facilmente se contaminar.

A analogia dessa contaminação é feita por meio dos sepulcros. Os sepulcros eram locais onde se depositavam os ossos anônimos dos mortos, eram considerados um meio de impureza pelos fariseus, como muitas

³⁹ BOVON, 2002, p. 286.

⁴⁰ MORRIS, 1983.

⁴¹ FITZMYER, 1987, p. 398.

vezes esses túmulos não estavam sinalizados, as pessoas acabavam pisando neles sem perceber, sendo contaminadas por isso. Em Mateus, a expressão é “sepulcros caiados”, fazendo justamente uma referência ao hábito de pintar os túmulos de branco uma vez ao ano, precisamente antes da festa da Páscoa, a fim de que fossem visíveis e ninguém passasse por cima deles.

O objetivo de Lucas foi o de comparar o morto, que para cultura de Israel estava ligado ao impuro, com a propagação do mal e da hipocrisia que havia nas ações dos fariseus. Seus ensinamentos levavam as pessoas à morte. Ensinamentos que possuíam uma aparência sadia e pura, mas seus interiores eram marcados pela morte e impureza⁴². O contato com as práticas dos fariseus expunha as pessoas ao impuro de forma despercebida, a moral que estava por trás de suas cerimônias não conduzia ao fim desejado⁴³. O autor defende que a ideia não é sugerir que os fariseus eram sempre maus, mas que a preocupação deles com os ritos tinha um aspecto de hipocrisia, levando-os ao exagero de aplicar a literalidade da lei.

Sobre este terceiro “ai”, Sabourin⁴⁴ entende que Jesus compara os que caminham com os fariseus com aqueles que caminham sobre os túmulos. As pessoas constantemente rodeavam os fariseus, acreditando que eles eram homens bons, entretanto, acabavam sendo infestadas por seus vícios sem perceber, da mesma forma que caminhavam sobre sepulturas sem se dar conta. O sentido da mensagem é que andar e conduzir alguém em conformidade com os ensinamentos dos fariseus poderia contaminar este alguém espiritualmente⁴⁵. A fala de Jesus certamente foi dura para os que estavam ali presentes, pois eram pessoas que confiavam em si mesmas e se achavam puras diante de Deus. Ser comparado a algo abominável certamente não foi agradável, até porque os fariseus não estavam abertos a nenhum ensinamento, eles eram o próprio ensino. Eles estavam acostumados a ditar os modelos e as regras sem jamais serem contestados por ninguém.

⁴² BOVON, 2002, p. 286.

⁴³ NOLLAND, 1993.

⁴⁴ SABOURIN, 1987, p. 243.

⁴⁵ HENDRIKSEN, 2003, p. 151.

Conclusão

Na visão de Lucas os discursos de Jesus não se baseavam na interpretação da Lei de Moisés, mas, sim, originavam-se nos dois mandamentos do amor. Jesus resistia à forma opressiva com que a Lei era imposta, principalmente tendo em vista a comunidade para a qual Lucas escrevia, onde muitos não conheciam essas leis. O amor deveria ser o fundamento de qualquer prática, pois nele residia tanto a justiça quanto a pureza.

Jesus faz denúncias que não são novas e desconhecidas pelos fariseus. Textos como Isaías 1.10-17; 58, 4-8; Amós 5.21-24; Miquéias 6.6-8 já faziam um grande contraste entre o rito religioso e a prática da justiça, do amor e da misericórdia. E a mensagem de Lucas demonstra claramente a ressignificação do caminho de santidade e de inclusão proposto por Jesus. Uma proposta que precisa ser lembrada por todos aqueles e aquelas que desejam segui-lo, a fim de construir uma sociedade onde caibam todos e todas.

Referências

- BOCK, Darrell L. Luke. *Baker Exegetical Commentary on the New Testament*. Michigan: Baker Academic, 1994-1996.
- BOVON, François. *El evangelio según San Lucas (Lc 1-9)*. Vol I. Sígueme: Salamanca, 1995.
- FITZMYER, Joseph A. *El evangelio según Lucas*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987. vol. 4.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Lucas*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. v. 2.
- MALINA, Bruce J., Richard L. Rohrbough. *Evangelhos sinóticos: comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus, 2017.
- MORRIS, Leon L. *Lucas Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983.
- _____. *O Evangelho de Lucas: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- NOLLAND, John. *Word Biblical Commentary, 35A. Luke 9:21-18:34*. Nashville: Thomas Nelson, 1993.

RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1995.

SABOURIN, Léopold. *L'évangile de Luc*. Roma: Editrice Pontificia Universita Gregoriana, 1987.

STÖGER, Alois, *El Evangelio Ssegún San Lucas – v. I*, Herder, Barcelona, 1979.

Submetido em: 31/10/2020

Aprovado em: 02/12/2022